



BERÇO DA CONTRACULTURA,  
O CENTRO COMERCIAL É  
REFERÊNCIA DA ARTE

# REDUTO da crítica

LOCALIZADO NO CORAÇÃO DA CIDADE, O CONIC É A  
MAIS PURA EXPRESSÃO DA REBELDIA BRASILIENSE

CRISTINA ÁVILA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

O edifício mais democrático de Brasília não parece nem um pouco com qualquer caricatura que se possa fazer da capital criada pelo arquiteto ícone da modernidade. Um labirinto de subterrâneos mal-assombrados e, no andar térreo, é cortado por vielas com certa atmosfera maníaco-depressiva. Mas, na essência, é cheio de vida, arte, cultura e histórias engracadas, ocupado por turmas jovens e pela mais autêntica nata da rebeldia vanguarda candanga.

Um de seus mais célebres frequentadores é Cincinho Filisteu. Nascido em 1940, em Juazeiro do Norte (CE), jornalista dado aos estudos da filosofia pura, foi batizado como Círculo Ferreira Lopes, mas ganhou o apelido por causa do casamento com dona Rosa, que é judia. Ele costuma tornar sua cervejinha principalmente no Fortaleza, boteco situado no Baixo Conic, naquela que é provavelmente uma das vielas mais toscas desse conjunto de edifícios da zona central brasiliense.

"Não tomo mais aqueles porres loucos, porque se tem uma coisa que eu não sou é burro", diz, com a consciência emprestada pelos 74 anos. Sabedoria

## FICHA TÉCNICA

### O QUE É

Um conjunto de edifícios

### ONDE

Setor de Diversões Sul

### QUEM VAI

Artistas em geral, trabalhadores, religiosos, skatistas

### QUANDO VAI

Diariamente. Nos fins de semana, acontecem festas e eventos em bares e lojas

### HÁ QUANTO TEMPO

O centro comercial foi inaugurado em 1967

conquistada também pelo tombo que levou ao tentar subir em um trio elétrico no carnaval. Está caminhando com apoio de um andador, recuperando-se da fratura na perna.

Cincinho sempre bebeu a caráter. Terno, gravata, pasta preta. Porque o encontro sempre aconteceu depois do trabalho, e no Congresso que estão as suas fontes. "Eu adoro política." O gosto, associado à bebida, o transformou em compositor de marchinhas do

Pacotão, o bloco carnavalesco que se reúne o ano inteiro. Às vezes, em bares, outras nos palcos improvisados do Conic.

A turma do Pacotão é crítica de todos os governos que se postam no poder. E, principalmente, são apreciadores das mulheres: "As lindas, as recatadas e as periguetes", como revela a letra do samba enredo de Filisteu. Não perdoam nunca a troça. "A Érica (Kokay, a deputada) diz que sou machista; mas só tem graça se tiver sacanagem", defende-se o autor.

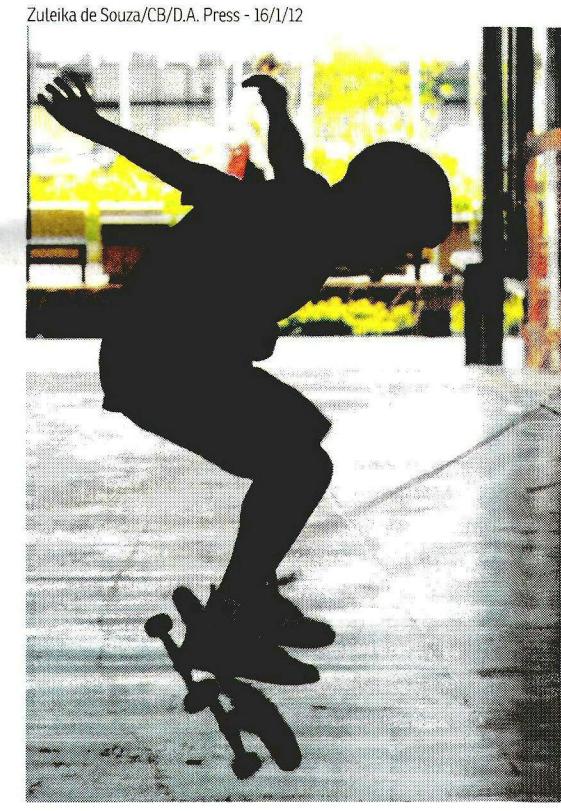
"Conheci Brasília em 1978. E, desde então, venho beber no Conic." Antes, os bares preferidos ficavam próximos à Praça Vermelha, lugar identificado pelo chapéu de cimento, que era assim conhecida em homenagem aos militantes de mais de 40 sindicatos e de partidos políticos que tinham sede ali — e que à noite faziam por merecer o maldito adjetivo de "esquerda festiva". A área, hoje, chama-se Praça Ary PáraRaios, nome do artista criador da trupe teatral Esquadrão da Vida, presença também marcante na história do edifício.

Pelas praças, botecos e pela livraria do Ivan Preseña — "em fatos políticos, literários e/ou etílicos" — diz Joka Pavarotti, já passaram personalidades como Brizola, Lula, Arraes, Henfil. Ali se registram histórias brasilienses, histórias dos mais renomados escândalos políticos nacionais e também ali articularam-se acordos memoráveis. Assim, a Sociedade Armorial Patafísica Rusticana (denominação oficial do Pacotão) salvou Charles Preto na presidência do bloco. Cincinho diz que ele é o mitológico "plenipotenciário, primeiro e único presidente do Pacotão".

Tudo aconteceu depois daquela passeata que os petistas fizeram em favor da Dilma, em 13 de março, na Rodoviária do Plano Piloto. O Joka contou: "Foi o Wilsinho quem levantou a bola. Ele descobriu que o Movimento dos Sindicalistas Amargos, aqueles sem nenhum humor, da tendência Jurubeba, estava no Conic tramando a destituição de Charles Preto".

## PONTO DE UNIÃO

O Conic é principalmente da moçada. Jovens que, diariamente, se apoderam de seu espaço, mais de dia do que de noite. As lojas são a cara deles. Roupas e acessórios para todas as tribos — desde cabelos afro, como piercings, alargadores e as mais criativas camisetas. É um reduto que inspira encontros, música, dança de rua, exposições ao ar livre e todas as formas possíveis de arte.



OS SKATISTAS SÃO  
FREQUENTADORES ASSÍDUOS DO  
LOCAL: CONTRACULTURA

Diga o ator e dramaturgo Kaiki Mattheis, 22 anos, estudante da Faculdade Dulcina de Moraes. "Vivo todos os dias da minha vida aqui, das 10h às 23h. Aqui se toma cerveja, se fala de teatro e dança, se trabalha, neguinho faz concerto nesta escada, na porta da faculdade. Aqui, é ponto de união. Tem executivos, tem gente que vende e compra ouro, tem skatista, tem banco, tem lojas de instrumentos musicais, tem igrejas, tem a galera que passa estressada, tem o coletivo da poesia que recita na rua, tem oficina de circo. O Conic produz ideias. É a contemporaneidade mais firme de Brasília. É central, do lado da Rodoviária e, por isso, todo mundo está aqui".

Os jovens também são espectadores das salas criadas por Dulcina de Moraes. "Há eventos com plateias de 400 a mil pessoas por dia", relata Celeste da Silva, que trabalha na faculdade desde 1982. Ela é a única funcionária que conviveu com a própria Dulcina. Passou noites com ela, na montagem de espetáculos. "Aqui é a minha casa. Aqui tem vida. O espírito da Dulcina de Moraes está aqui dentro", diz a mulher, que entrou como trabalhadora de serviços gerais e hoje faz de tudo um pouco, da iluminação à produção de arte.

Os espaços abertos do Conic são ocupados pela juventude. O Barbarella em três anos levou para lá 180 bandas de som pesado. E tem o hip-hop: no primeiro sábado de cada mês, tem batalha de BBoys, e, no terceiro, encontro de DJs. Há vários outros eventos avulsos. Os manos frequentam a loja que vende camisetas largas e bonés de aba reta, onde trabalha a rapper Layla Moreno, de 20 anos. "Eu sou criada do Conic. Comecei a vir para cá com 16, 17 anos. Queria me incluir na galera e, graças ao pessoal daqui, fiz meus primeiros shows."



INTEGRANTES DA "DIRETORIA" DO PACOTÃO  
COSTUMAM SE REUNIR NOS BOTECOS DO CONIC